

TRADUZIR É PRECISO

Alberto Manuel Carneiro do Couto¹

Em nome do Conselho Directivo, quero felicitar, mais uma vez, todos aqueles – da equipa editorial aos autores, passando por todas as preciosas colaborações – que tornaram possível o lançamento do 3º volume da Revista *Polissema*, a revista de letras do ISCAP. Reitero também o voto de confiança que já tive oportunidade de exprimir anteriormente, bem como a disposição de manter total apoio a este projecto. Sendo docente da Área de Línguas e Culturas, ligado desde sempre à Licenciatura em Tradução e Interpretação Especializada, na sua designação mais recente, o tema deste número da Revista *Polissema* – “Traduzir” – interessa-me particularmente. Aproveitando esta oportunidade, gostaria de deixar aqui umas breves reflexões sobre o tema.

Traduzir é geralmente definido, em sentido restrito, como uma operação de transposição de códigos linguísticos, com todas os problemas que esta aparentemente simples operação envolve. Mas é reconhecido pelos teóricos da tradução que essa operação implica também a passagem de um universo cultural para outro. Em sentido mais amplo poder-se-ia até ousar pretender que traduzir é passar, através da mediatização do signo linguístico, de um universo para outro, do mundo real ao das representações mentais, numa palavra, do físico ao metafísico. Afinal, nomear é conhecer.

Traduzir pode ser também um acto de consequências concretas, de uma importância que pode transcender as intenções do tradutor. Gostaria apenas de recordar o exemplo, de todos conhecido, mas raramente visto como contributo da tradução para toda a humanidade: a famosa Pedra da Roseta. Se um tradutor não tivesse registado aquela tradução, talvez nunca tivesse sido encontrada a chave que abriria as portas ao conhecimento da civilização egípcia.

Finalmente, traduzir não é só trabalhar sobre texto. É muitas vezes esquecida a outra grande vertente da tradução, a interpretação, em todas as suas modalidades. É uma actividade que incide sobre o discurso, a comunicação imediata, efémera, sobre palavras que vento leva... ainda que as ideias fiquem. O aspecto mais ingrato desta profissão da Tradução vem do facto que, quanto mais bem executado, menos se dá por ele. As Torres de Babel do nosso tempo só são possíveis pelo trabalho destes agulheiros da língua, como alguém já lhes chamou.

Na aldeia *tout court* todos falam a mesma língua, ou a mesma variante diatópica, sendo esse o elemento aglutinador que cria o sentimento de pertença à comunidade. Na aldeia global, não podemos esperar pelo aparecimento da Língua Universal, por muito prometedoras que sejam as candidatas que se perfilam. Recordemos simplesmente o que aconteceu ao Latim, língua oficial e universal do Império Romano. Dada a inevitabilidade da globalização, com todas as vantagens e inconvenientes que lhe queiramos ver, *traduzir é preciso...*

¹ Vice-Presidente do Conselho Directivo do ISCAP.